

O Cinema: convite à criação de mundos

É uma grande satisfação poder falar sobre cinema – um grande prazer da minha vida. Posso mesmo dizer como o escritor Gore Vidal no seu livro de memórias “Palimpsest”, e eu cito de memória:

“À medida que me aproximo – espero que com alguma graciosidade – da porta de saída (exit door), tomo consciência de que o que verdadeiramente me deu prazer na vida foi ir ao cinema!”

De facto, o cinema foi um grande prazer da minha geração. Eu nem diria que foi a arte da minha geração porque muitas vezes, sobretudo durante a infância, não podemos chamar arte, nem apreço pela arte, aos filmes que víamos nos “cinemas de reprise”, os “cinemas de bairro” como o Europa e o Paris em Campo d’Ourique, filmes que víamos em catadupa, em sessões de dois filmes de cada vez! Num fim de semana podíamos chegar a devorar até oito filmes contando com as tardes e as noites de sábado e domingo!

Eram geralmente “filmes de cowboys” em que, além de vibrarmos com cavalgadas e lutas, além de ficarmos a conhecer o grande Oeste americano, a construção do caminho de ferro, a corrida ao ouro, os perigos e costumes das tribos índias ou as longas travessias com o gado longhorn, aprendíamos que no vasto mundo havia bons e maus, que os bons (mais parecidos connosco embora vestidos com um “uniforme” que ainda não entrara nos nossos usos: calças de ganga, camisa aberta, lenço ao pescoço para proteger do pó e grande chapéu para proteger do sol, botas para cavalgar e pistolas à cintura) ganhavam as lutas e as donzelas (“a mocinha” como diziam os brasileiros) ...

À medida que crescíamos parecia que o cinema crescia também e mesmo os filmes de cowboys se tornavam mais complexos: afinal não havia só bons e maus, afinal às vezes os bons também faziam mal, afinal às vezes os maus eram melhores do que os bons... Afinal a vida não era só uma luta de bons contra maus, afinal não tomar partido podia ser pior do que ser mau. Um exemplo desta visão mais complexa é um filme admirável de 1952 chamado no original “High Noon”, alusão ao tempo real em que decorre a ação e, na tradução portuguesa, “O comboio apitou três vezes” – alusão bíblica à tripla negação de Cristo por S. Pedro.

De facto, trata-se de um sheriff que se retira dessas funções para casar com uma quaker, pacifista, representada pela Grace Kelly, que lhe pôs essa condição – nunca mais usar armas – para com ele se casar. Mas quando está para partir com a sua mulher, rumo ao Leste e à civilização, recebe a notícia de que está a caminho da cidadezinha um conhecido bandido que vem com o seu bando de malfeitores para se vingar de quem os tinha prendido. O nosso sheriff Gary Cooper não consegue deixar

de se sentir responsável e retoma as suas funções voltando a colocar ao peito a insígnia de sheriff que já retirara. Perante uma cidade acobardada em que todos fogem, se escondem, o renegam e o abandonam, acaba a enfrentar o gang só com a ajuda do adjunto velho e bêbado e da sua noiva pacifista.

A força que tinha este filme na Lisboa, no Portugal amordaçado, manietado, resignado e amedrontado dos anos 50 era uma coisa extraordinária.

Estou certa que foi por causa dele que tomei como tema da minha tese de licenciatura na Faculdade de Letras do final dos anos 60 “O Mito do Cowboy na Cultura Americana”. O “meu” cowboy era este: o herói solitário capaz de enfrentar todos os perigos por um imperativo moral raramente explicitado mas nem por isso menos presente.

Já antes, claro, o cinema construía mundos mas muitos desses filmes extraordinários, muitos deles feitos antes de eu nascer, só os viria a conhecer muito mais tarde, já jovem adulta, na fase dos cineclubes e das “matinéas clássicas”:

“E tudo o vento levou” é de 1939, a grandiosa saga da guerra civil americana – com ele aprendia-se que nas guerras pode haver razões de ambos os lados e que todos perdem – mesmo a voluntariosa Scarlett O’Hara! – mas que se pode sempre recomeçar: “Tomorrow is another day!”

“Citizen Kane”, em 1941, revelava ao mundo uma nova linguagem cinematográfica, a força dum argumento e duma personagem como a encarnada por Orson Welles.

Com “O Terceiro Homem” de Carol Reed e de 1949 respirava-se a tristeza da Viena dividida do pós-guerra. É o filme com a atmosfera mais triste que existe – provavelmente muito ajudado pela música. O Cinema não só criava mundos, também revelava como os criava...

Paralelamente o cinema comercial passava maravilhas como o “My Fair Lady”, deslumbrante na música e no guarda-roupa, mas também com o significado social que lhe deu George Bernard Shaw e que a versão portuguesa tão descaradamente ignorou.

E os cinemas comerciais, como o Tivoli e creio que o S. Jorge, começavam também a fazer “matinéas clássicas”. Ora, havia professores que, nos últimos anos do liceu, estimulavam os alunos a frequentarem essas sessões. No meu caso foi o Dr. Rui Grácio, meu inesquecível professor de História e Filosofia, que nos incitou a isso. Recordo-me que ia no Tivoli, numa dessas matinées clássicas, o filme de Robert Bresson “Fugiu um condenado à morte” e, porque eu lhe dissesse que não podia ir sem companhia, me convidou para ir com ele e a sua mulher. Aí percebi que o cinema também podia ser coisa séria – pois que era legitimado pela escola, incentivado por um professor que respeitávamos. O papel cultural que os professores podem ter é extraordinário! Daí a importância da formação de professores e da divulgação de experiências nas escolas que o PNC tem feito.

Mas os cineclubes – como o Imagem e o Universitário que são os que conheci melhor – eram uma espécie de “seitas” de consciencialização política e apresentavam-nos também outros filmes e outros realizadores – outros mundos! – que nos habituávamos a seguir e de quem esperávamos ansiosamente a obra seguinte. Foi o caso de Ingmar Bergman, que acompanhámos desde “Os Morangos Silvestres” e os “Sorrisos de uma Noite de verão” dos anos 50 ao maravilhoso e autobiográfico “Fanny e Alexandre” já de 1982. Ou Antonioni e a sua trilogia de personagens solitários num mundo devastado e desumano. E foi sobretudo Visconti que nos levou do neorrealismo de “Rocco e seus irmãos” ao esteticismo de “Sentimento” e à síntese mais perfeita de todos os tempos e de todos os filmes com o “Leopardo”...

O Cinema nessa altura era tão importante nas nossas vidas que, quando finalmente viajávamos para a Europa – que para nós, nessa época, começava em Paris! – nos enfiávamos na Cinemateca a descobrir os mundos criados pelo cinema. Foi na Cinemateca francesa que descobri Luis Buñuel e as suas inquietações – sociais e políticas com “Los Hurdos” e “Los Olvidados”, surrealistas com “Le Chien Andalou”, religiosas e iconoclastas com “Viridiana” e psicanalíticas com “O Anjo Exterminador”.

O cinema inquieta, deslumbra, ensina, indigna, eleva, emociona... O Cinema para que serve?

Na semana passada em Óbidos decorreu o Festival Folio e, nele, o Folio Educa, dedicado à educação. Um professor contou que, quando os alunos lhe perguntam “Para que serve a Literatura?”, ele lhes devolve a pergunta: “E tu? Para que serves?”

Podíamos fazer o mesmo com o Cinema. Mas eu gostava de desenvolver um pouco mais esta questão e de a aproximar da escola.

O CNE acaba de editar o Estado da Educação referente a 2015 e na sua apresentação gerou-se um debate a propósito das conclusões de um estudo internacional da Organização Mundial de Saúde pela rede de investigação HBSC (Health Behaviour in School-aged Children) com crianças de 11, 13 e 15 anos, em torno da questão “Gostar da escola”. O Estado da Educação analisa os dados desse estudo, que é feito em Portugal de 4 em 4 anos, desde 1998, sendo o mais recente de 2014. Complementou esses dados com outros, do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências e ainda por outros da Direção-Geral de Saúde e do Infarmed sobre o consumo de estimulantes inespecíficos do sistema nervoso central – designadamente o uso do conhecido medicamento “Ritalina”.

Verificou-se que, se há uns anos o desempenho escolar dos alunos portugueses nos testes PISA ficava abaixo da média dos países da OCDE, o seu gosto pela escola era grande. Ora sabemos que o desempenho escolar dos alunos nos testes de Matemática, Língua Materna e Ciências melhorou muito mas os resultados destes estudos mais recentes mostram que este gosto pela escola baixou claramente nos últimos anos, sobretudo entre as raparigas:

“Portugal foi o país que registou maior decréscimo da percentagem de raparigas com 15 anos que respondeu gostar muito da escola” entre 1997/98 e 2013/14.

As análises do CNE e o debate que se seguiu à sua apresentação avançaram com três hipóteses para explicar este crescente desgosto com a escola:

“A pressão que sentem com os trabalhos da escola”, “o excesso de informação nos currícula” e “o peso dos exames na progressão”. Este sentimento de pressão e desgosto crescente seria ainda confirmado pelo uso excessivo de “Ritalina” entre os alunos portugueses, em aumento desde 2003, apontado pela Direção-Geral de Saúde (em 2014 e 2016) e pelo Infarmed (em 2015). (CNE, Estado da Educação 2015, pp. 12 a 30).

Quanto aos alunos, se lhes perguntarmos o que pensam da escola, dizem: “A escola é uma seca!” E o pior é que, pelo que vimos, parecem ser cada vez mais a pensar assim.

Que tem isto a ver com o cinema e com a criação de mundos?

Parece-me que é muito importante que a escola não seja “uma seca” e, pelo contrário, proporcione experiências vivas, diversificadas, estimulantes para todos os alunos,

É importante por uma questão de justiça social: sabemos que é na ocupação dos tempos livres e no acesso à fruição cultural que hoje perduram mais as diferenças sociais. As crianças de meios socialmente desfavorecidos têm um leque de atividades extraescolares muito reduzido (idas ao centro comercial, visionamento televisivo e jogos de computador). Proporcionar-lhes o acesso e a fruição de bens e atividades culturais é um papel que só vejo a escola com capacidade para desempenhar.

Mas é importante para todos os alunos e para a própria escola. Para que esta não seja uma seca e sim um lugar de experiências diferentes e enriquecedoras. Para que não seja um lugar onde se aprende para passar no exame e sim um lugar onde se aprende muitas vezes com prazer e gratuitamente, sem outro fim que não seja a própria aprendizagem. Onde se aprende por vários meios e vários suportes. Onde se aprende a pensar e a sentir.

Ainda no Folio Educa, um grupo de teatro do agrupamento de S. Martinho do Porto retomava a questão:

Para que serve a Literatura? Vamos substituir “Literatura” por “Cinema”:

Para que serve o Cinema?

Acabo esta intervenção com a resposta que davam os meninos desse grupo de teatro:

“Serve para continuarmos a caminhar!”

Maria Emília Brederode Santos, professora